

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

**ARGUMENTOS E POSICIONAMENTOS DE PARTICIPANTES DE UM
GRUPO DE CONVERSÇÕES PÚBLICAS: UMA ANÁLISE A LUZ DO
CONSTRUCIONISMO SOCIAL.**

Marcos Apóstolo (Departamento de Psicologia, UEM, PIBIC/ CNPq/FA-UEM); Orientador Prof. Dr. Murilo Moscheta (Departamento de Psicologia, UEM).

Contato: marcos.vi.am.ap@gmail.com

Palavras-chave: Grupos, Processos Grupais, comunicação, homofobia.

Autores como Gergen (1991) e Bohm (2004) argumentam que a ampliação das possibilidades de contato entre pessoas promovidas pelo desenvolvimento tecnológico nos meios de comunicação não reverberou diretamente na ampliação das condições humanas de relacionamento com a diversidade e com a alteridade. A influência de uma cultura individualista no mundo ocidental favorece que pessoas de opiniões diferentes tendem a envolver-se em modalidades de conversas nas quais o mais importante parece ser a capacidade de retórica e a força dos argumentos a despeito da capacidade de se sensibilizar a partir do encontro com a alteridade. Neste sentido, torna-se importante distinguir entre os modos interação denominados na literatura como debate e diálogo.

Buber (2008) e Bohm (2004) conceituam diálogo como sendo uma modalidade de comunicação que ocorre quando os interlocutores se abrem para uma escuta curiosa do outro. Além disso, nos diálogos é possível a emergência de informações novas para os participantes tornando mais fácil que estes identifiquem momentos de dúvidas em seus próprios posicionamentos, uma vez que estes falam de suas experiências próprias e fazem perguntas de lugares de curiosidade (PCP, 2011). Enquanto no debate os participantes ouvem e fazem perguntas ao outro para terem uma maior possibilidade de conseguir refutar seus argumentos ou expor falhas em seu raciocínio, além de normalmente falarem de lugares bem definidos e inabaláveis e com discursos já previstos pelos participantes (PCP, 2011).

Neste sentido, entendemos ser necessária a pesquisa sobre técnicas dentro da psicologia que possam fomentar modalidades dialógicas de comunicação. Para isso, acreditamos ser necessário que essa psicologia assuma compromissos epistemológicos que valorize as relações do indivíduo com os outros e com o mundo e o potencial transformador da linguagem.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

O movimento construcionista social compreende os compromissos epistemológicos citados, a medida que considera que através da linguagem as pessoas constroem seus sentidos de mundo. A realidade não está situada somente no objeto ou somente no homem, mas é construída por meio da linguagem em um processo relacional determinado pelos fatores históricos, sociais e culturais (GERGEN, 2010) e neste processo as pessoas construirão suas normas e convenções, bem como aquilo que consideram verdadeiro, certo e errado. Assim o construcionismo social “preocupa-se principalmente em explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo elas mesmas) no qual elas vivem” (GERGEN, 1985, p. 266).

Segundo os pressupostos epistemológicos desse movimento temos a possibilidade de trabalhar com o projeto de conversações públicas (PCP). Criado em Watertown, Massachusets em 1989, critica os debates públicos que ele julga serem ineficazes e propõe uma metodologia para realização de diálogos (PCP, 2011).

O PCP tem o objetivo de fazer com que pessoas com opiniões divergentes tenham, em um ambiente seguro e de respeito, a oportunidade de trocarem experiências e histórias pessoais. Nessa troca os participantes terão a chance de conhecerem o outro e se sensibilizarem com um discurso que eles, normalmente, não têm contato. Não é o mesmo que dizer que o objetivo do PCP é fazer com que todas as pessoas entrem em um consenso, ou que alguém vença o diálogo, trata-se na verdade de uma possibilidade de construção e reconstrução de posicionamentos pessoais a partir do contato com a fala do outro.

Segundo a metodologia do PCP, inicialmente é feita a preparação dos participantes da sessão no qual são feitas entrevistas com eles e são apresentadas as regras e acordos do diálogo. Entre os acordos estabelecidos vale destacar: a) a importância do participante falar sobre suas próprias experiências, contando suas histórias e visões para o grupo, evitando falar de posicionamentos exteriores, como por exemplo, no meu partido dizem isso e na minha igreja acreditam naquilo; b) o respeito aos outros participantes, e o papel de cada um na construção de um ambiente saudável e seguro para realização do diálogo; c) que o grupo ocorrerá dentro de limites de tempo; d) que ninguém é obrigado a falar. Além disso, é firmado o acordo de confidencialidade, no qual é explicado que qualquer tipo de liberação de informação deve ser antes combinado e acordado com todo o grupo (PCP, 2011).

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Com o objetivo de promover um diálogo mais rico e produtivo, busca-se formar um grupo mais heterogêneo o possível, constituído por pessoas com diferentes modos de se envolver com o tema e que ocupem diferentes posições na sociedade.

Inicialmente é feito um lanche com os participantes no qual eles podem conversar e se conhecer um pouco antes do início da sessão. É acordado previamente que não é permitido conversar sobre o tema do diálogo, e este lanche tem o objetivo de promover um ambiente de acolhimento entre os participantes, de maneira que estes possam encontrar pontos em comuns uns com os outros, e que possam sentir-se mais confortáveis para compartilhar suas experiências durante o grupo (PCP, 2011). Após isso é feita a recepção dos participantes. Eles entram na sala onde ocorrerá o grupo e são convidados a se sentarem em cadeiras postas em círculo. Após estarem todos acomodados, é feita a reiteração dos horários e momentos do diálogo de modo a certificar que os participantes conheçam bem o processo e confiem mais nele (PCP, 2011). São também reiterados os acordos e regras do diálogo (PCP, 2011).

Com o início do grupo é feita a primeira pergunta aos participantes com o objetivo de que eles falem um pouco sobre o tema segundo suas próprias experiências. Como exemplo de pergunta temos: Você pode nos contar algo sobre sua experiência de vida que nos ajudaria a entender a forma como você atualmente se posiciona com relação à temática X? (PCP, 2011).

A segunda pergunta tenta promover uma reflexão dos participantes sobre seus posicionamentos, pois estimula-os a identificar momentos de dúvidas e incertezas em relação às suas próprias convicções. Um exemplo de pergunta com esse objetivo pode ser: “Muitas pessoas têm, nas suas formas de abordar tal assunto, sentimentos mistos, incertezas ou áreas em cinza. Algumas pessoas acham que em suas maneiras de pensar sobre tal assunto, um valor importante relacionado a esse assunto vai de encontro a outro valor que elas consideram importante. Dentro de sua reflexão sobre o assunto, existe algum dilema, conflito de valores, ou áreas em cinza que você estaria disposto a dividir?” (PCP, 2011, p. 124, tradução nossa).

Em seguida, promove-se uma discussão facilitada no qual os participantes podem participar de uma conversa mais interativa, esclarecendo pontos que podem ter ficado em aberto, revelar sentimentos presentes durante a fala do outro e até fazer perguntas uns para os outros.

Foram realizados dois encontros de PCP na Universidade Estadual de Maringá em Abril de 2012. O tema dos grupos foi a violência contra a população GLBT. Estes encontros foram gravados e transcritos e será escolhido o material de um deles que comporá o *corpus*

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

desta pesquisa. Para realizar a investigação desse material usaremos a teoria do posicionamento de Uma vez que a pesquisa ainda está em andamento, as atividades realizadas até o momento concentram-se na transcrição do material gravado nos grupos e o levantamento bibliográfico sobre a teoria do posicionamento para que se possa fazer uma investigação mais aprofundada.

Posicionamento é uma “construção discursiva de histórias pessoais que tornam as ações de uma pessoa inteligíveis e relativamente determinadas enquanto atos sociais nos quais os membros de uma conversa têm localizações específicas.” (LANGENHOVE E HARRÉ, 1999, p. 16, tradução nossa). Se alguém, por exemplo, é posicionado como líder é provável que ela será a pessoa a dar ordens e cobrar obediência dos outros. Assim, em uma conversa, as pessoas participam de um jogo de posicionamentos no qual cada um pode se posicionar ou ser posicionado pelo outro. A possibilidade de que um posicionamento aconteça depende de sua força ilocucionária, ou força social. Em outras palavras, o ato de posicionar será efetivo se a força social moral que o posicionante tem for suficiente. Por exemplo, em um julgamento um juiz pode posicionar um réu como culpado, no entanto, é improvável que esse réu posicione o juiz da mesma maneira, pois, moralmente, o posicionamento do juiz detém uma força social maior do que a do réu. Esse posicionamento, no entanto, dependerá do enredo em que ele foi feito, ou seja, não é qualquer posicionamento que poderá ser dado em qualquer contexto. Com isso temos como guias da investigação na teoria do posicionamento: o ato de posicionar, a força social do posicionamento e o enredo em que ele ocorre (LANGENHOVE E HARRÉ, 1999).

É importante dizer que na teoria do posicionamento os posicionamentos atribuídos aos participantes das conversas não são fixos, pelo contrário, eles podem (e muitas vezes o são) rejeitados e negociados entre os participantes. Além disso, um posicionamento atribuído em uma determinada conversa não perdurará para sempre com a pessoa, por exemplo, se alguém é posicionado como tímido em uma conversa, não quer dizer que ela será tímida para o resto de suas interações sociais.

Esta teoria também nos permite pensar no conceito de self. Segundo Davies e Harré “um indivíduo emerge através dos processos de interação social, não como um produto final relativamente fixo, mas como alguém que é constituído e reconstituído através das práticas discursivas nas quais participa.” (1999, p. 35, tradução nossa). Assim nós podemos admitir várias identidades no decorrer de nossas interações. No entanto, de acordo com uma demanda

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

cultural, é preciso que façamos recortes nessa diversidade de identidades para que construamos uma historia individual coerente e consistente (RASERA & JAPUR, 2001). Temos então um self construído socialmente, como resultado de nossas interações sociais e da necessidade de mantermos um discurso coerente sobre nós.

Como dito acima, a metodologia do PCP tem o objetivo de promover diálogos respeitosos entre pessoas que normalmente não dialogam entre si, principalmente quando seus posicionamentos sustentados em historias de vida, crenças e visões de mundo não combinam. Assim podemos usar a teoria do posicionamento para investigar como esses posicionamentos se constroem e se sustentam no grupo, entender quais são os argumentos usados para a manutenção deles e qual o tipo de entendimento que cada um da ao discurso do outro. Entendendo que “uma vez admitido determinado posicionamento como próprio, a pessoa inevitavelmente verá o mundo do ponto de vista daquele posicionamento (...)” (DAVIES E HARRÉ, 1999, p. 35, tradução nossa). Assim podemos entender também qual o potencial transformador do PCP, no que tange a capacidade de fazer os participantes se sensibilizarem e reconstruírem sentidos, que sustentam seus posicionamentos, com as experiências compartilhadas, e assim construir uma realidade onde possamos dar mais espaço para ouvir o outro, mesmo que nem sempre este outro sustenta os mesmos posicionamentos que nós. Pois, como considera Davies e Harré (1999) “quem é alguém, ou seja, que tipo de pessoa alguém é, é sempre uma pergunta aberta com a resposta em constante mudança (...)” (p. 35, tradução nossa)

Referências

BOHM, D. **On dialogue**. 2nd ed. New York: Routledge, 2004.

BUBER, M. **I and thou**. Hesperides Press, 2008.

DAVIES, B. HARRÉ, R. Introducing positioning theory. In: HARRÉ, R.; Van LANGENHOVE, L. (Ed.). **Positioning Theory**. Oxford: Blackwell publishers, 1999, cap. 3, p. 32-52.

GERGEN, K. J. **The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life**. New York: Basic Books. 1991.

GERGEN, K, GERGEN, M. **Construcionismo Social: Um convite ao diálogo**. Tradução de Gabriel Fairman. Rio de Janeiro, Instituto Noss. 2010.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

28 a 30 de Novembro de 2012

MOSCHETA, M. **Conversações públicas: novos paradigmas para práticas psicológicas grupais no Brasil**. 2012. 49f. Projeto de pesquisa. Departamento de Psicologia. Universidade Estadual de Maringá.

PUBLIC CONVERSATIONS PROJECT. **Fostering dialogues across divides: A Nuts and Bolts Guide from the Public Conversations Project**. Watertown, MA. 2011.

SOUZA, L.V., MOSCHETA, M.S., SCORSOLINI-COMIN, F., CASARINI, K.A. – **Conversações Públicas: novos paradigmas para transformações sociais no Brasil**. 2011. 56f. Departamento de Psicologia Clínica e Sociedade. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

LANGENHOVE, L.; HARRÉ, R. Introducing positioning theory. In: HARRÉ, R.; Van LANGENHOVE, L. (Ed.). **Positioning Theory**. Oxford: Blackwell publishers, 1999, cap. 1, p. 1-13.

LANGENHOVE, L.; HARRÉ, R. Introducing positioning theory. In: HARRÉ, R.; Van LANGENHOVE, L. (Ed.). **Positioning Theory**. Oxford: Blackwell publishers, 1999, cap. 2, p. 14-31.

RASERA, E. F., & JAPUR, M. Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 14(1), 201-209, 2001.

RASERA, E. F., GUANAES, C., & JAPUR, M. (2004). Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(2), 157-165.